

FACES DO SILENCIAMENTO, DO PATRIARCALISMO NAS HISTÓRIAS DE LISE MEITNER E MARIE CURIE: VIDAS A SEREM (RE)CONTADAS

FACES OF SILENCING, PATRIARCHY IN THE STORIES OF LISE MEITNER AND MARIE CURIE: LIVES TO BE (RE)TOLD

CARAS DEL SILENCIAMENTO, DEL PATRIARCADO EM LAS HISTORIAS DE LISE MEITNER Y MARIE CURIE: VIDAS QUE SERÁN (RE)CONTADAS

Quézia Raquel Ribeiros da Silva *

Saimonton Tinôco**

Franklin Kaic Dutra-Pereira ***

RESUMO

Somos confrontados com um cenário científico, na Química, enquanto área de conhecimento, constituído, sobretudo, por homens, e as poucas mulheres que se fazem presentes nesse contexto, ainda, encontram-se em situação de apagamento. Observando as faces do silenciamento, da aniquilação, do patriarcalismo temos que tal cenário se engendrou pela materialização de discursos criados socialmente, reforçando a ideia de uma mulher única e subserviente longe dos espaços acadêmicos e de institutos de pesquisa. Ao nos debruçarmos sobre as trajetórias científicas de Lise Meitner e Marie Curie e aproximando-nos da arqueologia foucaultiana, a partir das narrativas biográficas em livros e artigos, investigamos de que forma as narrativas, que sustentam a ilusória natureza feminina, influenciaram suas caminhadas científicas. Concluímos que, por meio de mecanismos discursivos, nas biografias encontradas, as mulheres são narradas na ciência enquanto corpos indesejáveis.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Arqueologia Foucaultiana. Mulheres na Química.

ABSTRACT

We are confronted with a scientific scenario, in Chemistry, as an area of knowledge, consisting mainly of men and the few women who are present in this context, are still in a situation of erasure. Observing the faces of silencing, annihilation, patriarchy, we have that such a scenario was engendered by the materialization of socially created discourses, reinforcing the idea of a unique and subservient woman away from academic spaces and research institutes. By focusing on the scientific trajectories of Lise Meitner and Marie Curie and approaching Foucault's archaeology, from the biographical narratives in books and articles, we investigate how the narratives, which sustain the illusory feminine nature,

* Mestra em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Paraíba (UEPB), Professora da UEPB e Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: quezia.05@hotmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2179-7293>

** Doutor em Educação Especial, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Areia, Paraíba, Brasil. E-mail: saimonton.tinoco@academico.ufpb.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4824-5421>

*** Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: franklin.kaic@academico.ufpb.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>



influenced their scientific paths. We conclude that, through discursive mechanisms, in the biographies found, women are narrated in science as undesirable bodies.

Keywords: Gender Relations. Foucauldian archaeology. Women in Chemistry.

RESUMEN

Nos enfrentamos a un escenario científico, en Química, como área de conocimiento, constituido, sobre todo, por hombres, y las pocas mujeres presentes en este contexto todavía se encuentran en situación de borrado. Al observar las facetas del silenciamento, de la aniquilación y del patriarcado, vemos que tal escenario se formó a través de la materialización de discursos creados socialmente, reforzando la idea de una mujer única y subyugada, alejada de los espacios académicos y de los institutos de investigación. Al analizar las trayectorias científicas de Lise Meitner y Marie Curie y acercándonos a la arqueología foucaultiana, a partir de las narrativas biográficas en libros y artículos, investigamos de qué manera las narrativas que sostienen la ilusoria naturaleza femenina influenciaron sus trayectorias científicas. Concluimos que, a través de mecanismos discursivos en las biografías encontradas, las mujeres son narradas en la ciencia como cuerpos indeseables.

Palabras clave: Relaciones de Género. Arqueología Foucaultiana. Mujeres en la Química.

1 INTRODUÇÃO

As coisas que têm a função de significar algo, tal como as palavras e as ideias, possui uma história, o que inclui o termo gênero (Scott, 1993, p. 265).

O que significa ser mulher cientista? Que posições são reservadas ao feminino na ciência? Quais implicações tais lugares trazem para as inclusão e ascensão femininas na carreira científica? Ao nos conduzirmos a um rápido exercício de reflexão, reconhecemos, tal qual Chassot (2004), que a mulher na ciência, por vezes, é/foi vista como ser menor; afinal, acredita(va)-se que existe uma irremediável falta de racionalidade que as distancia do fazer científico.

Tal observação também fora feita por Schienbinger (2001), a qual assinala que o descrédito ofertado ao feminino na ciência surge por meio da construção e do fortalecimento de determinismos culturais, os quais forja(ra)m a mulher enquanto representante da religião, da amorosidade, da moral e dos bons costumes, esferas compreendidas como não-científicas.

Ao tomarem efeitos de verdade, tais características distância(ra)m mulher e ciência, modelando a identidade científica enquanto contrária à identidade feminina socialmente construída. Essa oposição binária, como destaca Lima (2008), fora responsável por estruturar a

ciência enquanto empreendimento androcêntrico, projetando o homem como imagem popular do cientista.

Nesse movimento de perpetuar a dominância masculina no contexto científico, opera(va)m-se diferentes estratégias discursivas que busca(va)m deslegitimar e desencorajar a participação feminina na ciência. Segundo Lima (2008), erguem-se discursos que retratam as mulheres cientistas enquanto corpos indesejáveis, desviantes, inclinadas a uma vida que foge aos padrões socialmente estabelecidos (mãe, dona de casa e esposa) sendo, portanto, impróprias, por se tomar por referência imperativos biológicos e culturais.

Conforme sinaliza Nunes (2017), ao serem regulados em jogos de verdade, tais discursos garantem o surgimento de barreiras, as quais não apenas fomentam uma hierarquização dos sujeitos cientistas a partir do gênero, como também naturalizam o esquecimento e a sub-representação feminina na ciência.

O sentido dado ao gênero numa dimensão analítica, só é possível com a adoção de novos paradigmas teóricos. Essa observação faz-se importante porque o mero uso do termo gênero, sem uma mudança de perspectiva teórica, faz que se estudem as coisas relativas às mulheres, sem o questionamento do que as relações entre homens e mulheres estão construídas como estão, como funcionam e como se transformam (Conceição, 2009, p. 744).

Reconhecendo a relevância do conceito de gênero para as discussões que ora tecemos, consideramos pertinente sinalizarmos que nosso entendimento se aproxima ao pensamento de Scott (1995). A autora assinala que gênero se apresenta enquanto construto social, produzido a partir do entrelaçamento de representações simbólicas – culturalmente determinadas para homens e mulheres – e de conceitos normativos, ligados à religião, ciência, educação, política etc.

Definimos gênero, portanto, como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 16). Nesse viés, pode ser compreendido como um invento social e não enquanto um ordenamento traçado biologicamente, destituindo a ideia de “natureza” feminina e “natureza” masculina (Nunes, 2017).

Desse modo, concordamos com Sígolo, Gava e Unbehaum (2021, p. 12), quando afirmam que:



No contexto em que a educação e a ciência moderna ocidental atual, desenvolvidas sob um paradigma androcêntrico, continuam segregando e excluindo as mulheres de diversas formas – invisibilizando seus feitos e desvalorizando seu trabalho, criando obstáculos à sua inserção em campos de conhecimento, carreiras científicas e profissionais, não reconhecendo a sua sobrecarga de trabalho na esfera privada/doméstica, com a reprodução social, entre outros efeitos da manutenção de uma divisão social e sexual do trabalho [...].

Desse modo, como as análises aqui empreendidas encontram-se a nível discursivo, consideramos pertinente esclarecer de que forma o termo “discurso” é compreendido nessa pesquisa. Utilizamos para tal as proposições de Foucault (2016), o qual afirma que o discurso se manifesta como uma associação de enunciados, resguardados por uma mesma formação discursiva. Nessa perspectiva o discurso é, portanto, compreendido como “uma teia de enunciados ou de relações que possibilitam a existência de significantes” (Silva, 2019, p. 21).

Assim, a análise discursiva realizada nessa pesquisa tomou como referência a arqueologia foucaultiana que, para Veiga-Neto (2017, p. 45), é entendida como:

[...] um procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos talvez já esquecidos. A partir desses fragmentos – muitas vezes aparentemente desprezíveis – pode-se compreender as epistemes antigas ou mesmo a nossa própria epistemologia [...].

Por apresentar-se como um procedimento vertical de escavação, a arqueologia se manifesta como uma imersão profunda em um determinado emaranhado de ideias e de discursos, tidos como desprezíveis. Nesse sentido, escavar verticalmente implica em trazer à tona diferentes discursos, conceitos e narrativas que, apesar de dissociados entre si, apresentam-se como importantes constituintes do nosso próprio conhecimento. Dessa forma, pretendemos compreender – por meio de um ato de escavação – de que forma os discursos, presentes nos contextos social e científico, apresentam-se como importantes instrumentos de silenciamento das cientistas.

Para tal, lançamos nosso olhar às trajetórias de duas mulheres que contribuíram significativamente com o desenvolvimento científico: Lise Meitner¹ e Marie Curie². A definição

¹ Cientista austríaca responsável pela descoberta do elemento químico Protactínio – número atômico 91.

² Cientista polonesa responsável pela descoberta dos elementos químicos Polônio e Rádio – números atômicos 84 e 88, respectivamente.

quanto a essas duas personalidades femininas da ciência foi feita seguindo como critério o pioneirismo delas na identificação de elementos químicos. Apesar das cientistas Marguerite Catherine Perey³ e Ida Noddack⁴ também responderem apropriadamente ao critério estabelecido, a inserção delas na presente pesquisa tornou-se inviável visto que não foram encontradas bibliografias nos idiomas estabelecidos para a busca de materiais (português e espanhol).

Na busca por entender de que forma as construções discursivas exercem poderes sobre as mulheres cientistas, buscamos compreender de que forma as narrativas, que sustentam a ilusória natureza feminina, influenciaram as caminhadas científicas de Lise Meitner e Marie Curie. Pensamos tais mulheres distanciando-as de uma totalidade discursiva, pois não há aqui uma tentativa de remontar a verdade cartesiana. Dedicamo-nos a enxergá-las nas entrelinhas de suas histórias e nas interdições que lhes atingiram, definindo-as e ignorando-as historicamente.

Entendemos, tal como Veiga-Neto (2017, p. 112), que o reconhecimento de um indivíduo exige reflexões acerca de práticas discursivas e não discursivas, as quais “poderão revelar quem é esse sujeito, como ele chegou a ser o que dizemos que ele é e como se engendrou historicamente tudo isso que dizemos dele”. Assim, considerando a necessidade, no próximo tópico, reafirmaremos os passos realizados a partir dos pressupostos metodológicos, epistemológicos de como realizamos esta pesquisa.

2 METODOLOGIA

A história da Química e de outras áreas científicas foram predominantemente moldadas por narrativas e estruturas sociais que colocavam as mulheres em posições de apagamento. Lise Meitner e Marie Curie são exemplos inspiradores de cientistas que desafiaram essas normas e contribuíram significativamente para seus campos de estudo, apesar dos desafios enfrentados (Silva, 2020).

Ao analisar as trajetórias dessas cientistas e considerar a influência das narrativas dominantes sobre a feminilidade em suas carreiras, é possível perceber como o patriarcado e

³ Cientista francesa responsável pela descoberta do elemento químico Frâncio – número atômico 87.

⁴ Cientista alemã responsável pela descoberta do elemento químico Rênio – número atômico 75.



os discursos sociais moldaram a percepção do papel da mulher na ciência. A abordagem da arqueologia foucaultiana (Foucault, 2016) certamente fornece caminhos para examinar essas questões e desvendar as complexidades envolvidas na construção do conhecimento científico.

É importante reconhecer essas narrativas históricas e continuar a promover a diversidade e a inclusão no cenário científico, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e que tenham espaço para contribuir plenamente com seus talentos e habilidades.

A pesquisa sobre os discursos que envolveram as trajetórias científicas de Lise Meitner e Marie Curie, através da lente da arqueologia foucaultiana e embasada no pós-estruturalismo, busca compreender como as construções sociais e históricas de gênero influenciaram suas posições e reconhecimentos no campo da Química. Tal abordagem permite a desconstrução dos discursos hegemônicos que marginalizam as mulheres na ciência, evidenciando os mecanismos de poder e saber que sustentam essas narrativas.

A arqueologia foucaultiana, conforme o livro “arqueologia do saber” do próprio Michel Foucault (2016), se preocupa em explorar as condições históricas que possibilitam a emergência de discursos específicos. O pós-estruturalismo, com sua ênfase na indeterminação e na instabilidade dos significados, complementa essa perspectiva ao desafiar as verdades universais e fixas, propondo que as identidades e as realidades são construídas através de práticas discursivas em constante transformação (Vinci, 2016; Pereira; Diniz, 2015; Cardozo, 2014). Foucault propõe que o conhecimento não é apenas um reflexo da realidade, mas uma construção discursiva que está intrinsecamente ligada a relações de poder (Foucault, 2014a). Por isso, permite revelar como certos discursos se tornam dominantes enquanto outros são silenciados, moldando a percepção social e histórica sobre temas como gênero e ciência.

A metodologia adotada nesta pesquisa envolveu a análise arqueológica dos discursos presentes nas biografias de Lise Meitner e Marie Curie, alinhada com os princípios pós-estruturalistas. Essa análise foi realizada a partir de uma revisão de livros, artigos e outros documentos históricos que narram as vidas e carreiras dessas cientistas (Sedeño, 2004). Considerando isso, para identificar os padrões discursivos que moldaram a representação dessas mulheres na ciência, observando como suas contribuições foram reconhecidas ou minimizadas, utilizando os seguintes passos autorais:

1. Aproximação com os Dados: Compilação de biografias, artigos científicos, correspondências pessoais e documentos históricos relevantes.

2. Análise Discursiva: Exame detalhado dos textos para identificar temas recorrentes, metáforas e narrativas que constroem a imagem de Meitner e Curie.

3. Contextualização Histórica: Consideração das condições históricas, sociais e culturais que influenciaram a produção desses discursos.

4. Identificação de Mecanismos de Poder: Análise de como as relações de poder e saber influenciaram a marginalização ou celebração das trajetórias dessas mulheres na ciência.

5. Desconstrução de Narrativas: Utilizando os princípios pós-estruturalistas, desconstruir as narrativas que perpetuam a exclusão e subvalorização das mulheres na ciência, destacando a pluralidade e a instabilidade dos significados atribuídos às suas identidades.

A análise de dados, fundamentada na arqueologia foucaultiana, envolveu uma série de etapas que visam desentranhar os discursos que configuram as narrativas sobre Lise Meitner e Marie Curie, conforme enunciados por Keller (2006). Então, esse processo foi caracterizado pela:

1. Identificação dos Arquivos Discursivos: Determinação dos textos, documentos, imagens e biografias que constituem o corpus da pesquisa.

2. Mapeamento dos Enunciados: Identificação dos enunciados chave, que são expressões ou frases significativas que revelam os modos como Meitner e Curie foram representadas e discutidas na literatura científica e histórica.

3. Análise das Regras de Formação: Investigação das regras que governaram a formação dos discursos sobre essas cientistas. Isso incluiu entender quem é autorizado a falar, quais temas são permitidos, e quais práticas e instituições validam esses discursos.

4. Exame das Relações de Poder: Exploração das relações de poder que emergem dos discursos identificados. Isto implicou analisar como o poder é exercido através do discurso, marginalizando ou celebrando determinadas contribuições científicas de Meitner e Curie.

5. Desconstrução das Verdades Estabelecidas: Crítica das “verdades” estabelecidas sobre as trajetórias dessas mulheres. Aqui, buscamos desestabilizar as narrativas dominantes, revelando suas contingências e aberturas para outras interpretações.

Portanto, reconhecemos o conhecimento científico enquanto uma construção social e historicamente situada, que é influenciado por fatores sociais, culturais e históricos. Investigamos como o conhecimento científico e as narrativas sobre cientistas mulheres foram moldados por discursos patriarcais que perpetuaram a exclusão e subvalorização feminina



(Silva, 2020), questionando a objetividade e a universalidade do conhecimento, propondo que a verdade é contingente e plural.

Desse modo, ontologicamente, a pesquisa parte do pressuposto de que as identidades e subjetividades das mulheres cientistas são construídas através de discursos que operam em diferentes níveis da realidade social. A ontologia foucaultiana sugere que as "verdades" sobre o papel das mulheres na ciência são produzidas por práticas discursivas que refletem e reforçam relações de poder (Foucault, 2014b). Acrescenta a isso, à ideia de que essas identidades são fluidas e multifacetadas, continuamente (re)construídas através de interações discursivas. Assim, Meitner e Curie, como cientistas foi (e continua sendo) constantemente negociada e redefinida dentro de um campo de forças sociais.

Dito isso, a arqueologia foucaultiana (Foucault, 2016) e os princípios pós-estruturalistas desta pesquisa sobre os discursos envolvendo Lise Meitner e Marie Curie permitem desvelar as estruturas de poder que informaram suas representações na história da ciência. Portanto, investigamos as narrativas que sustentam a ilusória natureza feminina subserviente, podendo não apenas reconhecer as contribuições dessas mulheres, mas também desafiar os padrões discursivos que perpetuam a desigualdade de gênero na ciência ainda hoje na contemporaneidade.

A seguir, apresentaremos enquanto resultados, como os discursos, as imagens, os viveres, os silenciamentos, as (o)posições, os (des)locamentos desta pesquisa, não só reescreve a história de duas mulheres que contribuíram para o desenvolvimento da ciência no passado, mas também oferece caminhos para um futuro mais inclusivo na produção e valorização do conhecimento científico, onde mulheres podem ampliar vozes, viver suas vidas e produzir ciências.

3 FALAS, (O)POSIÇÕES E DESLOCAMENTOS DO FEMININO NA CIÊNCIA: CURIE E MEITNER

Luta travada, punhos erguidos, lançadas a um mundo que não as quer livres. Entrelaçadas por códigos culturais, produzidas por aqueles que dizem “calem-se”, “submetam-se”, “aceitem”, “sejam mulheres” (Vieira, 2006; Silva, 2019). Que construção é essa que fazem das mulheres? Quais as interdições características?

Ao nos apropriarmos de tais questionamentos nos posicionamos em meio a produções narrativas que há muito se ocuparam em enumerar as múltiplas facetas regulativas, erguidas em torno da feminilidade e suas inegáveis afetações para com a construção do estereótipo feminino. Distanciamos-nos, então, de qualquer construção totalitária e totalizante, voltada ao desvelamento de uma feminilidade primeira, original, verdadeira. Trataremos dos inveterados jogos de poder, nos quais se assentam o ideal feminino, produzidos por meio de discursos caros e deterministas (Beauvoir, 1970).

E será somente assim, tensionando a validade dos enunciados constituintes desses discursos, que poderemos vislumbrar as interdições nas caminhadas científicas empreendidas por Lise Meitner e Marie Curie. Inserindo-nos em tais caminhos e buscando reler as histórias criadas em torno dessas mulheres, pensaremos acerca dessa “feminilidade natural”, contada, vendida, comercializada. Aquela inculcada desde a infância, que percorre os corpos modelando-os, contingenciando-os. Aquela que as torna o outro do homem (Beauvoir, 1970).

Conforme informa Saitovich et al. (2015), Lise Meitner nasceu em 07 de novembro de 1878, sendo a terceira dos oito filhos (cinco mulheres e três homens) do casal vienense Hedwig Skovian e Philipp Meitner. Foi ainda dentro da esfera familiar que ela adquiriu as primeiras habilidades musicais, tornando-se pianista como sua mãe.

Concluiu aos 14 anos o ensino básico destinado às moças, o qual lhe conferiu noções de: “aritmética, para dar conta de operações comerciais de uso doméstico, uma tintura de história, biologia e ciências, trabalhos manuais femininos e educação física” (Saitovich et al., 2015, p. 53). Apesar de demonstrar interesse em dar prosseguimento aos seus estudos, Lise lidava com as opressões austríacas tipicamente impostas às mulheres do século XIX, as quais designavam o ensino universitário apenas para rapazes. Adjetivada de incapaz, proibida de seguir em frente, objeto de vigilância, Lise Meitner sentia ressoar na brevidade de sua vida as consequências da condição subalterna historicamente reservada às mulheres (Beauvoir, 1970).

Mas que subalternidade seria essa? Que importância teria? Ecos de discursos do senso comum que interrogam ou afirmam: “Já estamos dando tudo, elas ainda querem mais?”, “Igualdade? Mas já somos iguais!”, “Humanos por natureza, dominadores por merecimento”, “Dissimuladas, hipócritas, loucas, isso que elas são!”, “O que há de tão errado em obedecer meia dúzia de regras?”, “É só isso que pedimos a elas: um pouco de obediência”.



Ao dedicar sua energia à avaliação de tais discursos, Beauvoir (1970) sustentava que a inserção no contexto educacional, bem como em outras esferas da vida pública, sempre se encontrou condicionada à figura masculina (pai, marido e irmão), privando as mulheres de tal oportunidade. Construiu-se, portanto, a narrativa de que são, por natureza, seres ocasionais e relativos, constituídos por e para as causas masculinas.

Ao refletir acerca desse atravessamento que é imposto culturalmente às mulheres, Chassot (2004) sinaliza que tal construção narrativa apresenta influências de nossa tríplice ancestralidade greco-judaico-cristã. No que concerne ao contexto grego, temos que os enunciados criados sustentavam as mulheres como um castigo destinado aos homens, representado através do mito de Pandora. O mesmo caráter relativístico é observado na tradição judaico-cristã, a qual as compreende ora como produto do homem⁵ ora como sua ruína⁶.

Assim, não por acaso, a aceitação de Lise Meitner no contexto universitário encontrou-se bastante ligada à figura do professor Ludwig Boltzmann, o qual detinha uma posição de destaque no contexto da Física. Tal discurso encontra-se enfatizado em diferentes biografias voltadas à figura de Lise Meitner, como podemos ver no trecho a seguir.

Lise sentia-se uma espécie de corpo estranho entre seus colegas ao longo do primeiro período do curso de física. Boltzmann deu a Lise o que lhe faltava: o sentimento de pertencer a uma comunidade de intelectuais com interesses comuns (Saitovitch et al., 2015, p. 56).

Conforme esse excerto, a figura de Boltzmann é narrada como um meio de integração de Lise Meitner no contexto científico. Mesmo já se encontrando inserida na academia, enfatizava-se uma necessidade de inclusão, demandando a intervenção do professor. Reforçava-se também a ideia de que Boltzmann, para além do papel de professor, desempenhara no viver científico de Lise Meitner uma função salvacionista, remontando à noção de dependência e fragilidade feminina frente ao sujeito de poder.

O professor Ludwig Boltzmann foi outra salvação [...] Boltzmann fazia conferências emocionadas e entusiásticas sobre a ciência nos termos mais pessoais. Foi ele que lhe

⁵ Referimo-nos à narrativa construída em torno da figura de Eva, a qual é compreendida como a primeira mulher, criada a partir da costela de Adão, primeiro homem.

⁶ Aqui apoiamos-nos no emaranhado discursivo que projeta Eva como a única responsável pela perda do paraíso, visto que fora ela, e não o homem, tentada pela serpente.

apresentou a ideia da física como a suprema batalha pela verdade (Mcgrayne, 1994, p. 51).

Ao refletir acerca de tais discursos nos ocorrem alguns questionamentos: por que houve a necessidade dessas biografias estabelecerem e enfatizarem uma relação de dependência entre Lise Meitner e Boltzmann? Por que se narra Meitner como um ser necessitado de auxílio ou mesmo de salvação?

Como expressa Foucault (1996), encontramos-nos inseridos em uma sociedade adornada por práticas discursivas, as quais modelam a percepção do outro. Nascermos do discurso e somos projetados por ele. Dessa forma, pensar Lise Meitner, mesmo que remotamente, como um ser plenamente autônomo vai de encontro a esses discursos já delimitados, os quais determinam o fazer feminino condicionado aos ideais masculinos (Beauvoir, 1970). Mesmo que Lise Meitner não precisasse ser efetivamente salva, tampouco dependesse irrestritamente de Boltzmann, tais narrativas atendem bem à expectativa para as quais foram criadas: manter os sujeitos em seus respectivos lugares de poder (Figura 1).

Figura 1: Lise Meitner no contexto universitário



Fonte: Pérez (2019).

E foi por tensionar tais lugares, impondo sua presença, que Lise Meitner esteve atravessada no cenário acadêmico por olhares múltiplos, reguladores, insipientes. Olhares que vigiavam, que julgavam, puniam. Olhares que deixavam sequelas, que construía o medo e que,



apesar de desconhecerem o outro, não se intimidavam ao adjetivá-lo. Daí entendemos a colocação feita por McGrayne (1994, p. 51) quando, ao refletir sobre a personalidade de Lise, descreve-a como um alguém “extremamente tímido”. De fato, quando nos deparamos com a imposição do silêncio, tendemos a nos introverter, afastamo-nos, permanecemos longe querendo estar perto. Expurgamos a nós mesmos, domamos nosso corpo. Docilizamo-os. Naturalizamos os corpos dóceis, fabricamo-los.

Como nos apresenta Foucault (2014a), o corpo docilizado se dá voluntariamente às submissões, aos aperfeiçoamentos impostos, às utilidades traçadas. Adestrado, interioriza os poderes ao passo em que desarticula a si mesmo, coibido, caprichoso no cumprimento de seus deveres, livre apesar de preso. Enfeixado pelo poder disciplinar, o corpo dócil encontra-se sob uma vigilância microscópica, à mercê de uma rede de dominação que se mantém de forma ascendente. Dominado, constrói-se sob uma pseudo normalidade.

Ao conceber a temática dos corpos dóceis, sobretudo no que se refere aos mecanismos de poder que os mantém docilizados, Foucault (2014a, p. 100-101) distancia-se do ideal de poder enquanto criação instituída por um soberano, passando a enxergá-lo:

Como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas [...].

Vê-se, portanto, que o poder não se encontra centrado na mão de um, mas no encadeamento de forças díspares que, ao unirem-se, constituem uma rede de regulação. O poder se apresenta circulante na sociedade, nunca estanque. Marca lugares, renova-se para todos e em todos os indivíduos, manifestando seu caráter ubíquo. Conforme sinaliza o autor (Foucault, 2014b, p. 100), “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”.

Ao percorrer os espaços sociais, o poder disciplinar territorializa o sujeito, domando atitudes, reprimindo vozes, demonizando pensamentos, corrigindo posturas, modelando corpos. Compreendemos então o exemplo trazido por Foucault (2014a, p. 133-134), quando relaciona a fabricação de corpos dóceis com o desenvolvimento de soldados, destacando alguns dos hábitos requeridos na constituição de recrutas.

Manter a cabeça ereta e alta; a se manter direito sem curvar as costas, a fazer avançar o ventre, a salientar o peito, e encolher o dorso; e a fim de que se habituem, essa posição lhe será dada apoiando-os contra um muro, de maneira que os calcanhares, a batata da perna, os ombros e a cintura encostem nele, assim como as costas das mãos, virando os braços para fora, sem afastá-los do corpo[...] a ficar imóveis esperando o comando, sem mexer a cabeça, as mãos, nem os pés[...].

A constituição de soldados apresenta similitudes com a docilização do corpo feminino. Passível de correção, de rearranjos, cartografado enquanto construção inacabada, perene objeto de vigilância. No corpo feminino coexistem virtude e irregularidade, certo e errado, liberdade e prisão. Carrega o peso de ser o que é, de se inscrever em determinados caminhos. Corpo que é produzido, que é inventado, que vira receita, Receita de Mulher.

É preciso que a mulher [...]
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência [...]
(Moraes, 1998, p. 402).

Tal qual recrutas, o corpo feminino também se constitui pela imposição de poderes. Imprime-se através do poder disciplinar o modo ideal de serem mulheres, de entenderem e exercitarem a feminilidade. Elimina-se os corpos difusos, calando-os, imoralizando-os a fim de “diminuir condutas desviantes, fora do padrão da norma” (Meneghetti; Sampaio, 2016, p. 3). Docilizamos o corpo feminino ao passo em que o ensinamos a docilizar outros. Demarcamos fronteiras comportamentais, atitudinais e de conhecimento.

Mas, onde encontramos poder há também resistência. Existe força, tensionamentos, vozes que não silenciam. Marie Curie (Figura 2) fora um desses corpos resistentes (Branco, 2013). Conforme nos apresenta Saitovich et al. (2015), Marie Curie nasceu Marya Sklodowska, em 07 de novembro de 1867, sendo a caçula dos cinco filhos (quatro mulheres e um homem) do casal polonês Wladislaw Sklodowski e Bronislawa Sklodowski. Cresceu em um reduto familiar construído sob produções científicas promissoras, alcançadas por meio dos esforços de seus pais, ambos intelectuais. Tal realidade contribuiu de sobremaneira para a sua escolha em



ascender dentro do meio científico, dedicando-se, similarmente ao seu pai, aos estudos da Física.

Figura 2: Marie Curie, a única expoente feminina presente na Conferência Solvay, realizada em 1911, na cidade de Bruxelas (Bélgica)



Fonte: Simal e Parisotto (2011).

Apesar de se anunciar em um contexto familiar já envolto na ciência, Marie Curie não esteve a salvo das mazelas tipicamente impostas às mulheres de sua época. Como nos aponta Santos (2018), ao concluir o ensino regular destinado às moças, Curie se viu defronte a um caminho de desaprovação quanto a sua inserção na academia, o qual exigiu desta uma dedicação irrestrita aos estudos. Foi nesse contexto de busca por aceitação que surgiu a inveterada estudante Marie, tratada em diferentes escritos (Mcgrayne, 1994; Saitovitch et al., 2015; Santos, 2018).

Como insistiu Saitovitch et al. (2015, p. 19) “[...] desafios nunca foram problemas para Marie. [...] uma vontade de ferro, um gosto quase maníaco pela perfeição e uma teimosia sempre marcaram o seu caráter”. Sob tentativa de instituir a ideia de uma Curie absorta em seus estudos, observamos aqui a construção de um enunciado que a determina enquanto ser possuidor de características tomadas culturalmente enquanto masculinas, as quais demonstraram-se determinantes para a sua posterior aceitação no contexto acadêmico.

Essa mesma Curie, contada enquanto estudante voraz e incansável, narrou-se a si mesma ao longo dos seus reveladores Escritos⁷. Ao tratar acerca desse período que antecedeu sua efetiva entrada na universidade de Paris, Marie Curie afirmou:

⁷ Marie Curie responsabilizou-se por produzir uma biografia de seu marido, Pierre Curie. Na oportunidade, desenvolvera na parte final desse livro uma pequena autobiografia, a qual fora intitulada escritos “autobiográficos”.

Mis estudios en solitario eran muy dificultosos. La formación científica que había recibido se reveló muy incompleta y mucho más pobre que la del bachillerato francés, así que traté de ponerme al día con la ayuda de varios libros reunidos al azar. (Curie, 2011, p. 129-130).

Ao se debruçar em tais narrativas, Santos (2018) sugere que para além da adequação de uma imagem de cientista, tomada por um esforço quase hercúleo em prol de seus estudos, visando atenuar as lacunas deixadas em sua educação básica, os trechos citados corroboram com a existência de uma certa tática de sobrevivência de Marie Curie, criada com vistas a possibilitar seu acesso, permanência e ascensão em um contexto marcadamente masculino. Apesar do cenário universitário da época se apresentar árido para ambos os sexos, anunciar-se enquanto mulher trouxe para Curie dificuldades adicionais.

Conforme sinaliza Sedeño (2004, p. 210) apud Santos, 2018, p. 40), ao se inscreverem em um território que toma por referente a figura masculina, as mulheres cientistas devem encontrar-se “melhor e excessivamente preparadas, ser modestas, disciplinadas e estóicas, infinitamente estóicas”. Nesse viés, reconhecemos que a inserção do feminino na ciência exige um exaustivo movimento de preparo, com vistas a provar, entre outras coisas, a capacidade intelectual.

Relacionando tal observação aos pensamentos de Silva (2019), reconhecemos que a estratégia utilizada por Curie – de se reafirmar enquanto capaz – apresenta-se como um mecanismo de contraposição a um estereótipo difundido em relação ao feminino, o qual reafirma as mulheres enquanto seres detentores de um nível inferior de inteligência se comparadas aos pares masculinos.

Na atualidade, isso torna-se explícito quando vemos as mulheres atravessadas por certos discursos cotidianos: “Promovida? Com certeza dormiu com o patrão”. “Não sou machista, mas é um desafio ter uma chefe mulher”. “Tem que ser muito macho para ter esse cargo”. “Viú como ela está agindo? Com certeza está na TPM”. “Nota dez em matemática? Só pode ter sido sorte”. “Claro que esse erro aconteceu, vindo de uma mulher é o que se espera”. “Mulher em um cargo de liderança? Deve ser piada”. “Não sei como ela conseguiu se formar neste curso”. “Eu sei que você se formou no mesmo curso que eu, mas deixa eu te explicar esse conceito que eu tenho certeza de que você não sabe”.



De fato, enunciados como esses são frequentemente veiculados ao estereótipo de incapacidade intelectual, socialmente criado entorno do feminino. Desautorizações, dúvidas em relação à competência profissional e interdições das falas apresentam-se enquanto obstáculos constantes do fazer feminino, postos em operação desde tempos remotos e sempre atualizados (Silva, 2019).

Os termos depreciativos para todas as mulheres são exercidos e constatados em diferentes espaços, em diferentes contextos, em diferentes marcadores sociais. As mulheres, sobretudo as que exercem um cargo superior aos homens, estão sempre fadadas ao alvo, por, na cabeça de muitos, serem “frágeis, doces e leves”. Como, muitas vezes, não conseguem atacá-las pelo trabalho, atacam sua reputação. Atacam sua vida privada. As atacam!

Assim, temos que os movimentos de excessivo preparo e reafirmação, empreendidos por Marie Curie, apresentam-se como consequências de um processo social histórico que visa desqualificar o feminino, associando-o ao estereótipo de incapacidade, de modo a garantir sua inserção apenas em posições sociais tomadas enquanto subalternas.

Ao refletir acerca desse atravessamento imposto às mulheres, Nunes (2017) enfatiza que, ao se inscreverem socialmente enquanto seres assimétricos e intelectualmente inferiores, estariam fadadas ao credenciamento em outros caminhos, outras esferas. Condenadas ao meio doméstico, seriam suas responsabilidades o cuidar (das crianças e dos idosos), o administrar (o lar) e o servir (ao marido). Construiu-se, portanto, a narrativa de que a condução da vida privada seria responsabilidade feminina, enquanto a administração da esfera pública direito masculino. Ao tratar dessa dicotomia público/privado, Marie Curie afirmou:

[...] la educación de mis hijas sólo era una de entre mis numerosas obligaciones; las profesionales eran las que ocupaban gran parte de mi tiempo. A menudo me han preguntado, en especial otras mujeres, como he logrado conciliar la vida familiar con una carrera científica. La verdad es que no ha sido nada fácil; me ha exigido mucha voluntad y un sinfín de sacrificios [...]. (Curie, 2011, p. 150-151).

Para além do papel de cientista, coube à Marie Curie desempenhar as funções de mãe dedicada (Figura 3) e esposa indulgente. Revestido de abnegação e sacrifícios, o enunciado exposto apresenta-se enquanto produto de um processo histórico e cultural, que se responsabilizou por determinar como natural a dedicação feminina aos cuidados do lar e dos descendentes (Silva, 2019). Assim, mesmo que envolvida no contexto científico, Curie não

esteve a salvo desses imperativos sociais erguidos em torno do feminino, sendo ela a única responsável por conciliar adequadamente público e privado.

Figura 3: Marie Curie e suas filhas Ève e Irène



Fonte: Montero (2019).

Ao refletir acerca dos efeitos de verdade produzidos por essa ilusória natureza de cuidado feminina, Schienbinger (2001) assinala que é na cultura profissional que se ressoa mais fortemente o peso dessas interdições. Reconhecendo a dicotomia estabelecida entre público e privado, tal autora estabelece que o caráter conflituoso imposto entre essas duas esferas não fora um estabelecimento orquestrado para todos, mas somente para as mulheres. Espera-se que, por uma idealizada natureza pacífica, benevolente, e intrinsecamente cuidadora, estejam propensas ao abandono do público, conseqüentemente da cultura profissional, para a sumária dedicação ao doméstico. Em Marie Curie essa renúncia esperada tornou-se explícita, quando afirmou:

La cuestión de como cuidar de nuestra pequeña Irène y de la casa sin renunciar a la investigación científica se volvió acuciante. La posibilidad de desentenderme del trabajo había sido una renuncia muy dolorosa para mí, que mi marido ni siquiera contempló; solía decir que tenía una esposa a medida, que compartía todas sus inquietudes. (Curie, 2011, p. 139).



Tal enunciado sugere que Marie enfrentara importantes dificuldades no que se refere à conciliação entre doméstico e profissional. Nesse trecho, Curie demonstra ser a principal responsável por manter o bem-estar familiar, uma vez que se as funções desempenhadas pelo casal, tanto científicas (Figura 4), quanto pessoais, fossem igualitárias, não seria preciso cogitar uma saída do trabalho.

Figura 4: Marie e Pierre Curie em meio a experimentos



Fonte: Tonetto (2016).

Esse falacioso dueto mulher/doméstico perdura historicamente, por meio da produção e da difusão de narrativas, as quais atuam como dispositivos reguladores a fim de reiterar os lugares de poder impetrados a homens e mulheres (Silva, 2019). Assim, o surgimento de enunciados do tipo “bela, recatada e do lar”⁸ ou “linda, suave, doce, iluminada”⁹ corroboram com a sustentação dessa pseudo natureza doméstica feminina, demarcando-as enquanto seres do lar, do marido, dos filhos, do cuidado, da doçura, da vaidade.

Como refém de sua natureza, Marie Curie não poderia passar incólume. Não em uma ciência masculina, não sendo mulher, mãe, viúva. Era preciso reafirmar seu lugar de submissão,

⁸ Referência feita, no ano de 2016, pela Revista Veja à primeira-dama Marcela Temer, esposa do Golpista Michel Temer.

⁹ Referência feita pela Secretária da Cultura, Regina Duarte, na ocasião de sua posse, quanto à primeira-dama Michelle Bolsonaro.

contê-la. E assim, de modo insidioso, a Marie contada, vendida enquanto cientista genial, dá lugar a uma Curie promiscua, devassa. De mãe abnegada para viúva maculada. De mulher honrada para amante libertina.

Curie deveria desenvolver a função primordial de madame, sendo negada o direito de exercer toda e qualquer função na área científica, afinal, sua vida sempre contornava em torno daquele que escolhera para ser seu marido, Pierre Curie, ou melhor, ser teu dono, na visão conservadora, patriarcal, machista e retrógrada da sociedade à época.

Condenada a uma suposta inanição moral, nas proximidades de ganhar seu segundo prêmio Nobel, Marie Curie fora ostensivamente atacada pela imprensa francesa sob a acintosa justificativa de que mantinha uma relação amorosa com seu então colaborador e ex-aluno, Paul Langevin. Conforme relata Quinn (1997, p. 345) apud Derossi (2013, p. 37), aos jornais franceses coube promover o entrelaçamento da imagem de Curie à de amante cruel, responsável por distanciar uma família: “A verdade é que, deliberada, metódica, cientificamente, Mme Curie se empenhou, por meio dos mais pérfidos conselhos, por meio das mais vis sugestões, em afastar Paul Langevin de sua esposa e esta de seus filhos”.

Outros enunciados produzidos em torno de Marie Curie põem em evidência uma culpabilidade que não lhe pertencia. Tratada como algoz, Curie passa a ser narrada enquanto mulher egoísta e lasciva, responsável por desvirtuar um marido digno:

Esta mulher estrangeira pretende falar em nome de uma vida moralmente superior, de um ideal nobre sob o qual seu monstruoso egoísmo se esconde. [...] usufrui a seu bel-prazer destas pobres criaturas: do marido, da esposa, das crianças (Montero, 2019, n.p.).

As adjetivações depreciativas direcionadas à Marie tiveram por objetivo evidenciar um comportamento visto como desviante. Se, até então, Curie era tomada enquanto cientista valorosa, a exposição de tais discursos responsabilizou-se por determiná-la enquanto possuidora de uma conduta sexual questionável e, portanto, indigna. Ressignificada enquanto mulher imoral, Marie Curie passara a ser contada a partir de seus supostos atos sexuais, narrados com vistas a desqualificá-la (Silva, 2019).

Tais adjetivações depreciativas não foram marcas somente do século da existência de Marie Curie. Hoje, em pleno século XXI, tivemos que assistir atônitos, palavrões, gritos de ordem,



depreciações, a honra, a imagem, a única mulher que exerceu o cargo de Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff (PT). As histórias de Curie e de Dilma se cruzam quando são atacadas por serem mulheres.

Ao refletirmos acerca desse atravessamento imposto à Curie, questionamos: o que há de tão impactante na moral sexual feminina? Por qual razão o seu gerenciamento tornara-se instrumento de injúria? Apossando-nos das considerações feitas por Foucault (2014b, p. 115), observamos que a sexualidade se apresenta enquanto “dispositivo histórico”, território de poder e dominação, formalizado enquanto objeto de interesse político, social e cultural, forjado em uma rede de regulação. Ao tratar acerca das potencialidades de controle, impressas por meio da normatização da sexualidade, tal autor afirma:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (Foucault, 2014b, p. 112).

Revestida por uma moralidade, a sexualidade apresenta-se enquanto valioso instrumento de controle social, construindo-se a partir do estabelecimento de dicotomias: certo/errado, normal/insensato, válido/inválido, permitido/proibido, aceitável/intolerável. Conforme sinaliza Facco (2003, p. 76), a formulação dos discursos que regulamentam tais dicotomias sempre ocorre “segundo o ponto de vista do poder constituído, com o objetivo de indicar, mediante a validação, os papéis, as funções de homens e mulheres, dentro das sociedades”.

Assim, ao tomarem efeitos de verdade, as funções associadas a homens e mulheres passam a integrar a esfera social, modelando-se como naturais, intrínsecas, essenciais. Isso posto, observamos que o emaranhado imagético erguido socialmente em entorno do feminino se responsabilizou por determinar como comportamentos aprazíveis o pudor, a castidade, a honradez e a circunscrição ao domínio de um único homem (Silva, 2019).

Condenamos as mulheres quando fogem desse julgo, patologizamo-nas, recriminamo-nas, apontam-nas limites. Jogamos com a sexualidade destas nas mais pérfidas tentativas de desqualificá-las diante da opinião pública, garantir nosso despreço. Investimos poderes e materializamos discursos reguladores, em nome de uma moral idealizada (Vieira, 2006).

Tal patologização faz referência a histerização feminina, mecanismo de saber-poder tratado por Foucault (2014b). Conforme sustenta tal autor, através desse dispositivo de regulação o corpo da mulher passa a ser tomado como possuidor de uma sexualidade exacerbada, sendo, portanto, intrinsecamente dominado por uma patologia, carecendo de acompanhamento médico. Ao se relacionar com o papel socialmente criado em torno do feminino (mãe, dona de casa, virgem), tal mecanismo responsabiliza-se por condenar atitudes femininas tomadas como desviantes, tornando-as corpos abjetos, desequilibrados.

Ser feminino, portanto, estava interligado a negação do viver para além do patriarcado. É proibição de existir para além das armaduras sociais, patológicas, criminosas, melhor dizendo, prevalecida por um princípio de negação da existência, pelo fato de ter seios e vagina. Ser melhor e cientista era impossível, se não tivesse a validação a figura do homem patriarcal-conservador.

Mesmo produzido em tempos e contextos sociais distintos, esse movimento discursivo que se responsabilizou por determinar Curie enquanto mulher imoral, dada aos prazeres carnis, apresenta similitudes com discursos que ressoam na atual sociedade brasileira, personificado através do enunciado: “Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar o furo [pausa para risos] a qualquer preço contra mim”¹⁰.

O caráter ofensivo – observado nos discursos associados à Marie Curie e Patrícia Mello – contrasta com as suas posições de destaque, respectivamente obtidas na ciência e no jornalismo. Tal observação nos sugere que a imagem dessas mulheres vai de encontro ao ideal feminino tomado socialmente enquanto válido (mãe dedicada, viúva casta, virgem, dona de casa), sendo necessário reprová-las em seus lugares de pertencimento. Tensionar... confrontar... lutar... Essas foram/são as transgressões cometidas por mulheres que tiveram/têm seus corpos interditados, contestados, julgados moralmente.

Tais interdições, assumem hoje, um destaque central na conjuntura política que a sociedade mundial se encontra. Na visão e no avanço dos poderes da extrema direita política, assumindo os cargos nos diferentes países, as mulheres devem voltar para cozinha, e ser subserviente aos seus maridos, LGBTQIA+ devem voltar para os seus armários, dentre tantas outras interdições que querem nos prender.

¹⁰ Tal fala fora proferida pelo presidente, à época, Jair Messias Bolsonaro, com vistas a aviltar a jornalista Patrícia Campos Mello, na ocasião de uma entrevista coletiva de caráter informal.



Entretanto, esquecem eles, que hoje, temos voz e muita força para lutarmos contra toda perversidade que é resquício da visão colonizada, patriarcal e conservadora que é deixado como herança de um futuro não tão distante. Por isso, nos contrapomos a qualquer ataque, a qualquer direito e a qualquer desrespeito, velado ou não, para com as mulheres que devem ocupar os diferentes e qualquer cargo que já fora ocupado por homens – sobretudo brancos, patriarcais, conservadores.

Assumimos então, uma postura contrária e rechaçamos práticas de silenciamentos, de aniquilação, da negação dos direitos das mulheres, nos diferentes espaços, sobretudo no contexto da academia científica, nas universidades, nos grandes centros de pesquisas e institutos, serão denunciadas e sempre repudiadas por nós. Afinal, tais práticas deverão ficar no calabouço dos preconceituosos, mas que devemos sempre trazer à tona, para que não mais se repita.

Como enfatizou Simone de Beauvoir (1970), “Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes.”, por isso devemos a todos momentos estarmos vigilantes e sempre em alerta na defesa dos nossos espaços, que sempre foram negados e exercidos por homens.

4 CONSIDERAÇÕES EM ABERTO: MULHERES NA CIÊNCIA, SIM SENHORA!

Nesse estudo nos lançamos na compreensão do emaranhado discursivo que regulamenta a denominada natureza feminina, erguido sob a acintosa tentativa de projetar e internalizar comportamentos femininos tomados socialmente como aprazíveis. Observando de que forma essa teia discursiva projeta-se no viver feminino, reconhecemos nas histórias de Marie Curie e Lise Meitner alguns enunciados que atuam no sentido de desqualificá-las para a carreira científica, traduzidos por meio do fortalecimento de estereótipos, dentre os quais destacamos: dependência em relação ao expoente masculino, intelectualidade inferior, propensão para o ambiente doméstico e uma inata debilidade moral. Os enunciados analisados vinculam-se a uma tentativa de subverter a ascensão dessas cientistas, em um contexto marcado pelo exclusivo progresso masculino, ligando-as, para tal, às características tomadas como naturalmente femininas e, portanto, compreendidas como íferas.

As análises empreendidas evidenciaram que a (re)produção de discursos que visam garantir o distanciamento entre o feminino e a ciência atualizam construções discursivas criadas e reforçadas socialmente, as quais buscam deslegitimar a presença feminina em lugares de poder, principalmente nas universidades, nas associações científicas, nos institutos e centros de pesquisas científicas.

Assim, não nos surpreende a existência, no contexto científico, de discursos que asseguram a mulher enquanto sujeito naturalmente voltado ao lar e aos cuidados dos descendentes; ou, ainda, enquanto corpo possuído por uma moral sexual questionável, uma vez que essas estratégias discursivas já se fazem presentes no imaginário social, manifestadas com vistas a perpetuar a submissão feminina.

Ainda é possível ouvir diversas frases depreciativas, de caráter patriarcal, machista, conservador nos espaços acadêmicos. Uma das autoras deste artigo, por exemplo, passou por diversas situações no curso de formação inicial, sobretudo nas disciplinas de Cálculo, ao ouvir que “por ser mulher, não iria dar conta”. A cultura patriarcal-conservadora prevalece no meio acadêmico e por isso temos a função de contrapor e denunciar essas vivências inaceitáveis.

Desse modo, o que nos incitou a prosseguir na construção desse texto foi a não aceitação das inveteradas intrigas construídas em torno das mulheres cientistas, maquinadas sob proposituras inexistentes, mas não menos dolorosas e caras. Tramas que demarcam seus lugares nas histórias contadas, reafirmando uma realidade fictícia. Teias que não obedecem ao tempo, que não se dão por vencidas, renovando-se e repetindo-se incessantemente.

Ao nos inscrevermos nesses caminhos estamos conscientes de que, para alguns cientistas, a produção narrativa aqui criada é desviante demais, crítica demais, despida da neutralidade tão requerida na ciência. Tal neutralidade não nos interessa, não nos move, não nos inquieta. A neutralidade foi produtora de espaços que aniquilam, silenciam e invisibilizam, sobretudo as mulheres.

Seguimos desmascarando esses discursos “neutros”, certos de que a ciência fora/é uma construção feita para um ideal de sujeito. Conforme nos apresenta Nunes (2017, p. 75), “dizer que a ciência é neutra é reafirmar essa manutenção, é inviabilizar outra forma de fazer ciência, outra forma de ser cientista”. Não há neutralidade em jogos de poder. E se conhecimento é poder, utilizaremos para denunciar os silenciamentos que o próprio poder exerce para a categoria “mulher”.



Este texto é mais um grito de desespero, é uma rebeldia contra o sistema opressor, que conforme apontamos, é resquício de uma cultura hostil, patriarcal, conservadora, machista que visam sempre aniquiliar, invisibilizar e calar as mulheres que ousam fazer ciência. Aprendemos, com a história, que devemos continuar lutando, afinal, nobéis foram ganhos, e elementos foram encontrados, mas nunca sem a ousadia das cientistas mulheres.

As análises estão longe de serem esgotadas, por mais que reafirmem que as discussões em torno de Marie Curie estão esgotando. Isso é, de certa forma, mais uma tentativa de calá-la, mas enquanto tivermos espaço, anunciaremos as portas abertas por diferentes mulheres cientistas para que pudéssemos entrar.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 309.

BRANCO, Rosele Maria. Lá onde há poder, há resistência: a resistência no pensamento de Michel Foucault no período de 1975-1976. **Dissertação de mestrado**, Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

CARDOZO, Guilherme Lima. O pós-estruturalismo e suas influências nas práticas educacionais: a pesquisa, o currículo e a “desconstrução”. **Pensares em Revista**, n.4, 2014, p. 118-134.

CHASSOT, Attico. A Ciência é Masculina? É, sim senhora! **Contexto e Educação**. Rio Grande do Sul, vol. 71. 2004, p. 9-28.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, vol. 8. 2009, p. 738-757.

CURIE, Marie. **Escritos Biográficos**. Tradução Palmira Feixas. Espanha: Universitat Autònoma de Barcelona, 2011, p. 244.

DEROSSI, Ingrid Nunes. Proposta de Caracterização da Metodologia de Ensino da Cientista e Educadora Marie Curie no início do século XX na "Cooperativa de Ensino". **Dissertação de mestrado**, Química, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário**: literatura lésbica contemporânea. São Paulo: Edições GLS, 2003, p. 192.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 264.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 80.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2014b, p. 176.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 42 ed., Petrópolis: Vozes, 2014a, p. 296.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos pagu**, n. 27, 2006.

LIMA, Betina Stefanello. Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências. **Dissertação de mestrado**, História, Universidade de Brasília, 2008.

MCGRAYNE, Sharon Bertsch. **Mulheres que ganharam o Prêmio Nobel em Ciências: suas vidas, lutas e notáveis descobertas**. Tradução Maiza F. Rocha; Renata Brant de Carvalho. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 410.

MENEGHETTI, Gustavo; SAMPAIO, Simone Sobral. A disciplina como elemento constitutivo do modo de produção capitalista. **Katálysis**. Florianópolis, vol. 1. 2016, p. 135-142.

MONTERO, Rosa. **A ridícula ideia de nunca mais te ver**. São Paulo: Todavia, 2019, p. Irregular.

MORAES, Vinícius de. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 1597.

NUNES, Paula. Um ato de poder: narrativas das mulheres da Química sobre suas experiências. **Tese de doutorado**, Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

PEREIRA, Reginaldo Santos; DINIS, Nilson Fernandes. Itinerários da pesquisa pós-estruturalista em educação. **Itinerarius Refelctionis, Rev. Elet. da Pós-graduação em Educação da UFG**, v. 11, n. 2, 2015.

PÉREZ, Eloy Calvo. **Lise Meitner: Recuerdos de una vida difícil pero plena**. Sem local: Publicado Independentemente, 2019, p. 194.

QUINN, Susan. **Marie Curie: uma vida**. Tradução Sonia Coutinho. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, p. 528.

SAITOVITCH, Elisa Maria Baggio; FUNCHAL, Renata Zukanovich; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; PINHO, Suani Tavares Rubim de; SANTANA, Ademir Eugênio de. **Mulheres na Física: casos históricos, panorama e perspectivas**. São Paulo: Livraria da Física, 2015, p. 270.

SANTOS, Paloma Nascimento dos. Gênero e Ciências em três corpos de Maria. **Tese de doutorado**, Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.



SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2001, p. 383.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: SCOTT, Joan. (Org.) **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988, p. 28-52. [Em português: Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993].

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 2. 1995, p.71-99.

SEDEÑO, Eulalia Pérez. Ciência, valores e guerra na perspectiva CTS. In: ALFONSO, Ana Maria Goldfarb; BELTRAN, Maria Helena Roxo. (Orgs.). **Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas**. São Paulo: Livraria da Física; Educ; Fapesp, 2004, p. 201-229.

SÍGOLO, Vanessa Moreira; GAVA, Thais; UNBEHAUM, Sandra. Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual. **Cadernos pagu**, vol. 63, 2021, p. 1-16.

SILVA, Perla Haydee da. De louca a incompetente: construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff. **Tese de doutorado**, Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, 2019.

SIMAL, Carlos Jorge Rodrigues; PARISOTTO, Viviane Santuari. Um pouco da vida e da obra da Madame Curie e os 85 anos da sua visita a Belo Horizonte. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, vol. 21, 2011, p. 361-368.

SIMAL, Carlos Jorge Rodrigues; PARISOTTO, Viviane Santuari. Um pouco da vida e da obra da Madame Curie e os 85 anos da sua visita a Belo Horizonte. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, vol. 21, 2011, p. 361-368.

TONETTO, Sonia Regina. Mme Curie e o estudo da Radioatividade nos livros didáticos. In: Encontro Nacional de Ensino de Química, 18, 2016, Florianópolis –SC. **Anais, ENEQ**. Florianópolis, 2016, p. 1-9.

TONETTO, Sonia Regina. Mme Curie e o estudo da Radioatividade nos livros didáticos. In: Encontro Nacional de Ensino de Química, 18, 2016, Florianópolis –SC. **Anais, ENEQ**. Florianópolis, 2016, p. 1-9.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 160.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. "A única coisa que nos une e o desejo": produção de si e sujeitos do desejo na vivência a homossexualidade em Campina Grande/PB. **Dissertação de mestrado**, Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2006.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. O pensamento pós-estruturalista na pesquisa educacional brasileira: um possível itinerário. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**, n. 27, 2017, p. 42-58.

COMO CITAR - ABNT

SILVA, Quézia Raquel R. Da; TINÔCO, Saimonton; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Faces do silenciamento, do patriarcalismo nas histórias de Lise Meitner e Marie Curie: vidas a serem (re)contadas. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 21, n. 35, e23040, ago./dez., 2023. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v21.n35.3878>

COMO CITAR - APA

Silva, Q. R. R., Tinôco, S., Dutra-pereira, F. K. (2023) Faces do silenciamento, do patriarcalismo nas histórias de Lise Meitner e Marie Curie: vidas a serem (re)contadas. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 21(35), e23040. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v21.n35.3878>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 13 de setembro de 2023.

Aprovado: 18 de novembro de 2023.

Publicado: 30 de dezembro de 2023.